

# Três por Quatro

Jornal Laboratório do semestre 99/2



CAROLINA CIMENTI



## A rotina de uma penitenciária feminina

*o presídio Madre Pelletier abriga 180 mulheres com histórias de vida conturbadas. Elas convivem com a difícil missão de transformar seu período de reclusão em atividades positivas.*

página central

JANIS LIMA



A arte nas fachadas  
de Porto Alegre

páginas 14 e 15

Casas noturnas *underground*  
atraem público convencional

página 5

OVNIs mexem com  
o imaginário das pessoas

página 5

Museu: um novo lugar  
para o grafite

página 16

Reciclagem: Vidas  
transformadas pelo lixo

página 3

## EDITORIAL

## A vida paralela

LETICIA HOWES

Por que fazer um jornal sobre a vida paralela? Em primeiro lugar, o que é a vida paralela? Entendemos que seria aquela vida que, de certa forma, desconhecemos, ou conhecemos apenas uma parte – talvez porque simplesmente não a percebemos no nosso dia-a-dia. Não percebemos por não darmos muita importância à ela e às pessoas que fazem parte dela. É a vida do anonimato, aquela que fica de fora das discussões de pauta da maior parte dos chamados “grandes jornais”. Os assuntos que vamos tratar nesta edição do 3 x 4 não são frequentes nas páginas destes mesmos jornais.

Nossa intenção nada tem a ver com um sentimento de “fazer justiça” aos acontecimentos e pessoas que não têm recebido atenção da grande imprensa, mas apenas trazê-los à qualidade de fatos noticiáveis, ou, mais precisamente, notícias. Não em um página especial do jornal, ou em uma seção reservada das demais, mas em todas as páginas, em todas as seções. Somente aqui podemos ver, por exemplo, uma reportagem sobre a reciclagem de lixo em Porto Alegre, ou sobre a penitenciária feminina, sem lançarmos um olhar – digamos assim – “preconceituoso” sobre as matérias, sem pensarmos que elas merecem ser tratadas com uma certa

reserva.

Não trazemos aqui personagens famosos, nem as caras estampadas em capas de revistas, mas apenas pessoas comuns, com histórias comuns ou inusitadas – não importa. Nosso espaço está aberto para todos, inclusive para aqueles que não figuram nas páginas da grande imprensa. As histórias que vamos contar mostram, de alguma forma, um pouco desta vida paralela da qual falamos. Trazemos, nesta edição, uma entrevista com Telmo Freire, um dos mais famosos “furões” de coquetéis da cidade, conhecido por muitos, mas que ainda vivia – até agora – no anonimato. Mostramos também como está a noite para os alternativos, lançamos um novo olhar sobre o Morro da Cruz e sobre a nossa própria cidade, através de um ensaio fotográfico e de matéria que revelam a beleza das ruas escondida no dia-a-dia.

Vamos, enfim, fazer um passeio sobre Porto Alegre, mostrando que a vida paralela nada mais é do que a vida que está ao nosso lado, à nossa volta. Para percebê-la, é necessário conhecer os personagens que fazem parte dela, os diferentes lugares que a compõem, e cada uma de suas mudanças. O 3x4 chega às bancas com esta intenção..

EDUARDO FERREIRA



E. FERREIRA

## EXPEDIENTE - 3X4

O Três x Quatro é o jornal laboratório produzido na disciplina Redação IV do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Participaram desta edição: Alessandra Rodrigues Gonzaga, Carolina Cimenti, Eduardo Andrejew Ferreira, Fernanda Reche, Janis Linda Loureiro Moraes, Leandro Belloc, Leandro José Brixius, Leila Inês Signor, Leticia Howes, Márcio Vieira Pessoa, Marlene Massinger, Marta Corrêa Machado, Patrícia Domingues D'Ávila, Rodrigo Lopes, Ronaldo Martins Botelho, Sirlei Ribeiro Pastore, Svendlá Aguiar Chaves, Tomás Enrique Creus.

**Editores:** Carolina Cimenti, Leandro Brixius, Leticia Howes, Patrícia Domingues D'Ávila.

**Editores de Fotografia:** Marlene Massinger

**Coordenação Editorial:** Prof. Virgínia Fonseca

**Coordenação Gráfica:** Prof. Rubens Volpe Weyne

**Impressão:** Gráfica da UFRGS

## Tire suas dúvidas sobre super-8

TOMÁS CREUS

Nos últimos anos, o número de superoitistas cresceu de forma assustadora em Porto Alegre, chegando mesmo a causar um sério desequilíbrio na fauna cinematográfica local. No último Festival de Gramado, por exemplo, havia mais filmes em Super-8 do que em 35 mm na competição. É natural, portanto, que muitas pessoas que não são do meio nem costumam frequentar o Ossip Bar estejam confusas, sem saber o que significa esse curioso fenômeno do cinema independente porto-alegrense, que alguns têm relacionado ao fim do milênio e outros ao aquecimento global. Vamos aos fatos:

## O que é Super-8, um super-herói dos quadrinhos?

Não. O Super-8 é uma bitola para realização de filmes que estava praticamente extinta, pois fora substituída no uso doméstico pelas câmeras de vídeo. As bitolas mais comuns (quem já assistiu à aula do Giba Assis Brasil pode pular esta parte) são a de 16 mm e a de 35 mm, e os milímetros se referem à largura do negativo. Quanto maior o negativo, melhor a qualidade da imagem.

## O fenômeno do Super-8 só ocorre em Porto Alegre?

Bem, há pessoas fazendo Super-8 em vários locais do país e até do mundo, mas a “cena superoitista gaúcha” (sic) é uma das mais atuantes. O que é bom.

## Os filmes em Super-8 são todos bons?

Não. Há filmes bons, há filmes médios, há filmes ruins e há filmes pavorosos – como, aliás, em qualquer bitola. O importante é que há muita gente com vontade de fazer cinema e, comparando a safra de 1999 com a de 1998, nota-se um salto de qualidade.

## Qual a vantagem de se fazer Super-8?

O som é ruim, a qualidade de imagem não é muito boa, é preciso muita luz, o equipamento utilizado é primitivo e, como o negativo é minúsculo, dá um trabalho do cão montar. Mas falávamos das vantagens: o preço. Comparado com as outras bitolas, o Super-8 é bem mais

barato. É claro, o vídeo é mais barato ainda, mas não se pode comparar bananas com maçãs.

## Por que não fazer em vídeo?

Em parte, por preconceito, pois mesmo na era digital muitos ainda acreditam que a “película” é superior. Em parte, por masoquismo, pois o vídeo é muito mais fácil de usar e a coisa fica sem graça. E em parte porque o Super-8, apesar das limitações, pressupõe um método de trabalho similar ao do cinema feito em 16 mm ou 35 mm. Portanto, é o melhor meio para quem quer aprender a trabalhar em filme especificamente.

## Quem faz Super-8 não faz outra bitola?

Não necessariamente. A maioria do pessoal do Super-8 pretende, eventualmente, trabalhar com outras bitolas. Vários vão chegar lá. No último Concurso de Curtas do Estado, que seleciona projetos para ser filmados em 35 mm, três dos cinco premiados haviam feito filmes em Super-8.

## Onde encontrar os superoitistas e onde assistir filmes em Super-8?

Os superoitistas costumavam ser facilmente encontrados no Ossip, mas o movimento se expandiu e agora não cabem todos no minúsculo bar. Assim, muitos tiveram que procurar outros lugares, como o Garagem Hermética, que é por sinal o melhor lugar para assistir os filmes, no “Cinemeando no Garagem”, realizado uma vez por mês. Quem organiza as mostras são o Gustavo Spolidoro e Cristiano Zanella, que começaram fazendo Super-8. Como, aliás, também o Giba, o Carlos Gerbase, e grande parte do pessoal da “velha guarda” do cinema gaúcho. Ou seja, é mesmo uma tradição local.

## Moral da história?

Para quem quer fazer cinema, vale a pena fazer Super-8, pois é um bom aprendizado. Para quem quer apenas assistir, vale a pena ver Super-8, pois muitos filmes são interessantes, e mesmo nos ruins sempre se encontra algo para rir. Como diria Fernando Pessoa: “tudo vale a pena, mesmo se a bitola é pequena...” **TXQ**

## MEIO AMBIENTE

## Famílias resgatam cidadania através da reciclagem

*Cidadãos trocam os lixões da Capital por melhores condições de trabalho e preservam o ambiente*

RODRIGO LOPES  
SIRLEI PASTORE

Até 1989, mais de 300 pessoas sobreviviam do lixão da Zona Norte de Porto Alegre. Um trabalho semi-escravo, realizado sob ameaças de morte de intermediários, exposto a todo tipo de violência e insalubridade em troca de materiais mais nobres no lixo. Hoje, essas pessoas trabalham em uma das oito unidades de reciclagem da Capital que buscam organizar as populações excluídas da economia formal, resgatando a cidadania e gerando renda.

Os 1,3 milhão de habitantes de Porto Alegre produzem diariamente 1,8 mil toneladas de lixo. A coleta realizada pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) atende a 100% dos moradores da capital. No entanto, apenas 25% dos resíduos potencialmente recicláveis são aproveitados. Implantada em julho de 1990, a coleta seletiva emprega 100 funcionários e 20 caminhões do DMLU. Representa trabalho para famílias que se ocupavam anteriormente de catar nos lixões, em condições de extrema insalubridade, para papeleiros e comunidades de áreas carentes.

Hoje, são 320 pessoas trabalhando em oito unidades de reciclagem de lixo. Elas recebem diariamente 60 toneladas de resíduos recicláveis coletados em 127 bairros. E mais mil carroceiros, que recolhem 125 toneladas de papel por dia. Além de qualificar tecnicamente os trabalhadores para a produção de matéria-prima de qualidade para as indústrias, as unidades de reciclagem aumentam a vida útil dos aterros sanitários. As 1,5 mil toneladas de lixo coletadas todo mês deixam de ir para os aterros, representando uma economia de 15 dias por ano. Todo o lixo orgânico de Porto Alegre vai para os aterros de Extrema, no Bairro Lami, e Santa Tecla, em Gravataí.

### As unidades

As unidades são galpões cobertos construídos em alvenaria ou madeira, onde os materiais coletados são separados, beneficiados, armazenados e posteriormente comercializados para as indústrias recicladoras. Os materiais ferrosos são vendidos à Siderúrgica Rio-grandense S.A., enquanto o plástico é vendido diretamente às indústrias. O restante é comercializado a intermediários. Todo o rendimento é revertido em salário para os catadores. Uma tonelada de latas de ferro reciclada representa economia de duas toneladas do minério. Para cada 10% de cacos de vidro reciclado, 2,5% de energia é economizada. E as 15.518 toneladas de papel recicladas em 1998 representa-



Coleta seletiva representa trabalho para quem antes vivia catando sobras nos lixões

ram 529 mil árvores preservadas.

A reciclagem dos resíduos sólidos foi redescoberta recentemente através dos apelos em favor da preservação ambiental. Segundo a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária (ABES), 59% das cidades não possuem destino final para o lixo. E, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a destinação dos resíduos no país é feita a céu aberto em 76% dos casos, sendo que 13% apresentam riscos de degradação ambiental.

A Unidade de Reciclagem Nossa Senhora Aparecida, criada em 1989, foi a pioneira no ramo da reciclagem em Porto Alegre. Situada na Ilha dos Marinheiros, na Reserva Ecológica do Delta do Jacuí, emprega 34 pessoas da Associação dos Catadores de Materiais de Porto Alegre. Recebe semanalmente 16% do total de cargas recolhidas pelo DMLU, o equivalente a 35.397 quilos de material reciclável. A receita mensal da unidade gira em torno de R\$ 5 mil, e cada reciclador ganha até dois salários mínimos.

A Unidade de Reciclagem da Restinga foi criada em 1992 por iniciativa da comunidade. A associação conta com a participação de 13 pessoas que reciclam semanalmente 22.287 quilos de materiais. Já a Unidade Rubem Berta surgiu para garantir trabalho aos moradores que foram transferidos da Vila Tripa, em 1993. A prefeitura instalou 120 famílias, constituídas basicamente por papeleiros e catadores.

A Unidade de Reciclagem do Cam-

po da Tuca surgiu como alternativa econômica para os adolescentes usuários de drogas, organizados pela Associação dos Moradores daquela comunidade. São 18 adolescentes trabalhando de segunda a sexta-feira, com renda aproximada de 1,5 salário mínimo. A da Zona Norte emprega desde 1991, 52 recicladores. É a segunda maior entidade, processando semanalmente 72.105 quilos de materiais recicláveis.

### O Cotidiano nos Galpões

A Unidade de Reciclagem Grande Mato Sampaio, mais conhecida como Unidade da Vila Pinto, é um Centro de Educação Ambiental que surgiu em 1996 para acabar com a violência contra a mulher. Marli Medeiros, 47 anos, promotora legal popular, foi uma das fundadoras da entidade que busca resgatar a dignidade das mulheres da vila através da independência econômica. Antes da associação, pelo menos uma mulher era agredida ou violentada por semana. Três anos depois da criação do centro, a realidade é outra. O índice de violência contra a mulher caiu consideravelmente e, hoje, homens e mulheres trabalham juntos.

São 75 pessoas da comunidade, maiores de 18 anos, trabalhando em três turnos diários. O Centro de Educação Ambiental recebe o lixo dos bairros Mon't Serrat, Bela Vista e Chácara das Pedras. O processo é dividido em quatro etapas: descarga (DMLU), seleção, postagem nos cestos e prensa. A classificação dos resíduos fica por conta de

48 mulheres. São elas que separam os diferentes tipos de materiais potencialmente recicláveis, depois que um dos seis caminhões do DMLU despeja a carga num grande depósito, coberto e cercado. Nesta etapa são separados plásticos (garrafas de refrigerante, de água mineral, saquinhos e sacolas de supermercado), papéis (misto, craft, jornal, branco), alumínio, vidros (potes, garrafas), isopor, etc. O material separado é depositado em "bambonas" (grandes tonéis de plástico). A terceira fase do processo de reciclagem é realizada pelos 12 "bamboneiros" que depositam os resíduos em grandes cestos conforme sua classificação. Na quarta etapa, os materiais são prensados e transformados em enormes pacotes do material reciclado. Os vidros têm uma seleção à parte. Como não podem ser prensados, são separados dos demais materiais e vendidos por unidades ou em cacos. O lixo não reciclável vai para os aterros sanitários. Segundo uma das administradoras do centro, Alba Marques, o alumínio é um dos materiais mais caros (R\$ 1,30 o quilo), seguido pela garrafa de uísque (R\$ 0,70).

No dia 9 de outubro, a Unidade de Reciclagem Grande Mato Sampaio inaugurou um novo galpão. Totalmente coberto, o novo centro duplicou a capacidade de funcionamento. A presidente da associação, Marli Medeiros, pretende empregar, a partir de agora, 120 pessoas. A Unidade está localizada num terreno doado pela prefeitura que, por possuir várias sangas, é considerado área de risco e, dessa forma, não podem ser construídas residências. "O galpão deve abrir um novo turno de trabalho e funcionar 24 horas por dia", explica Marli.

Todos os trabalhadores da Associação de Recicladores da Vila Pinto participam de aulas semanais e têm o apoio de uma equipe formada por uma psicóloga, um sociólogo, uma enfermeira, um massoterapeuta e um administrador. Quando necessário, homens e mulheres recebem acompanhamento individual. A unidade foi premiada como uma das 600 melhores iniciativas mundiais de tecnologia, humanidade e meio ambiente no ano passado.

A comunidade da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis da Santíssima Trindade passou por uma dura prova em agosto do ano passado. Um incêndio criminoso destruiu completamente o antigo galpão, onde o lixo era separado. Mas, apesar da desilusão de ver a única fonte de renda de muitas famílias transformada em cinzas, os líderes da associação, com o apoio da Igreja Católica, construíram um novo estabelecimento. **TXQ**

## A cidade vista por outros olhos

**RONALDO BOTELHO**

Desviar de obstáculos apenas pela sensibilidade auditiva de ausência humana; identificar pontos de referência através da alteração do odor ou perceber a mudança de estrada pela modificação do piso. Atributos de um super-herói? Não. Estas são apenas algumas das muitas aptidões desenvolvidas, por necessidade de sobrevivência, pelos Portadores de Deficiência Visual (PDVs), ou cegos, denominação interpretada por alguns como ofensiva, mas que é perfeitamente assimilável entre os que possuem essa deficiência, e que é utilizada inclusive pela própria Organização Mundial de Saúde.

Não há registros oficiais precisos sobre o número de deficientes visuais no Estado. Sabe-se, contudo, que há 800 cadastrados na Associação de Cegos do Rio Grande do Sul, a ACERGS. A entidade presta serviços de vários níveis aos PDVs. Ao fundá-la, em 1967, seu principal mentor e atual dirigente, Waldin de Lima, tinha como princípio a perspectiva de tornar os deficientes donos de seu próprio destino. O atual presidente, Nelson Platsch, assegura que existem cerca de 100 cegos participando ativamente da política administrativa associados efetivos contribuem com uma mensalidade de R\$ 1,50. Localizada no 16.º andar da Galeria do Rosário, a entidade oferece a todos os cegos do RS assistência social, encaminhamento profissional e cursos gratuitos de massoterapia, bijuteria, informática e telefonia. Criados com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), do Ministério do Trabalho, estão com as vagas esgotadas e já possuem listas de espera.

A entidade possui duas secretárias e um contínuo, que prestam atendimento diário aos associados e a todos os demais PDVs que buscarem algum tipo de apoio. A última aquisição da entidade foi uma impressora norte-americana, que imprime em Braille, e que custou R\$ 8,5 mil. "Ainda hoje vemos associações muito paternalistas, que não resolvem os nossos problemas de independência, liberdade e evolução. Queremos ter as rédeas de nossa vida", observa Platsch.

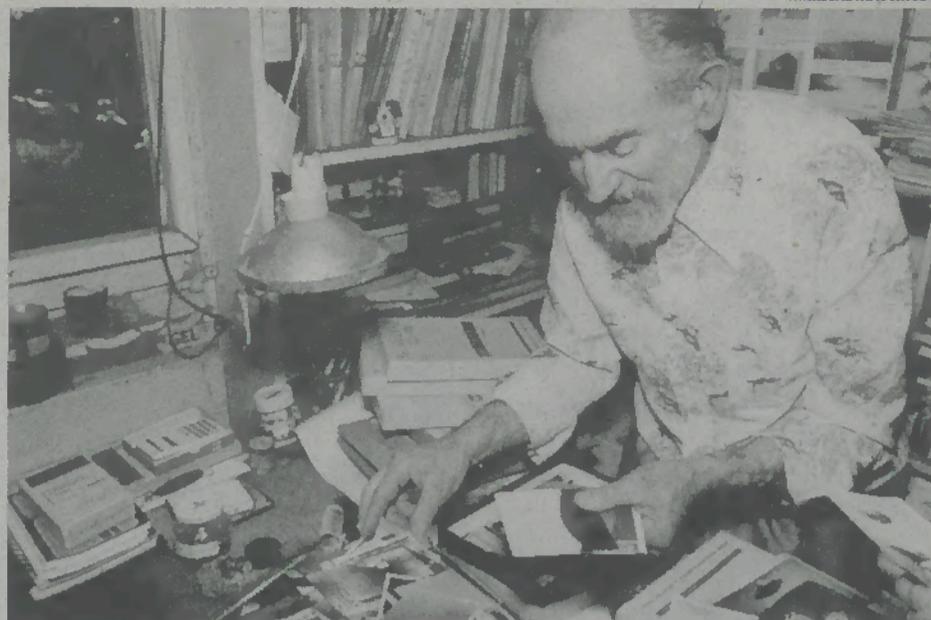
Apesar de contrário ao puro assistencialismo, o presidente reconhece a necessidade de prestar um auxílio aos seus representados em alguma neces-

sidade. "A cegueira é uma condição muito associada à miséria. Se fizemos doações, é com o objetivo de levantar a auto-estima dessas pessoas, para que elas façam algo por elas mesmas", explica. A ACERGS recebe muitas doações de organizações como o Instituto Nacional de Metrologia, o INMETRO, que destina à entidade alimentos apreendidos em função de irregularidades de comercialização. Na distribuição desses benefícios, são privilegiadas as famílias desempregadas e as que têm crianças. A entidade também aceita apoio financeiro através da conta número 41059115.0-5 Ag. 836 do Banrisul.

Se a crise do desemprego exclui milhares de pessoas do mercado de trabalho, os cegos sentem muito mais pesadamente essa situação. Embora exista no campo do trabalho uma farta legislação benéfica aos cegos, além do serviço público, que exige instrução e concorrência, poucas empresas contratam PDVs. Aguardando na fila da assistência, numa sexta-feira, encontrava-se Rejane de Souza, 40 anos, guiada pela filha de 6 anos. O marido está desempregado. Nessa difícil situação, busca apoio financeiro para adquirir um carrinho de cachorro quente afim de trabalhar em Viamão.

"A oportunidade de trabalho é muito difícil para o cego. Há muita gente no mercado informal", desabafa Alexandre Conte, que é, de certa forma, um cego recompensado por seu esforço. Com 27 anos, a falta de visão não foi uma barreira intransponível para ele. Vindo de Lajeado para estudar em Porto Alegre no início dos anos 90, formou-se em Ciências Atuariais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalha atualmente como servidor público. Diante de uma situação de discriminação, afirma que costuma ser objetivo: "Não sou político nesses casos. Vou direto à questão, deixando claro que vou partir para buscar os meus direitos", explica.

Nas horas de folga, Conte diz que seu esporte preferido é o futebol. E mostra que faz bem o que gosta: integra o time de futebol de salão da ACERGS, que venceu o Campeonato Sul-brasileiro para PDVs e classificou-se para disputar o Campeonato Nacional dessa modalidade, que ocorrerá em novembro, no Rio de Janeiro. **TXQ**



O aposentado Victor Soares pesquisa objetos estranhos desde a década de 50

**UFOLOGIA**

# ETs assediam Porto Alegre

*Moradores da região metropolitana afirmam ter visto e contatado com ETs*

**MÁRCIO PESSOA**

Neil Armstrong, ao pisar na lua, estranhamente, disse: "senhoras, senhores e crianças americanas: Papai Noel existe!" O que quis dizer o astronauta? Teria um mistério do espaço se manifestado naquele instante ou Armstrong era um brincalhão? O que se sabe é que a vontade de desvendar os tais mistérios se evidencia no desejo do homem de visitar outros planetas e fica aguda quando alguns dizem que sistematicamente entram em contato com seres extraterrestres (ETs) em discos voadores.

Planeta: Terra. Cidade: Porto Alegre. O técnico em eletrônica Jovanir Medeiros Miranda, de 26 anos, é um fascinado por ufologia. Em 1991, ele montou o grupo SOL (Sociedade OVNI Luz), formado por pesquisadores independentes que se reúnem esporadicamente para trocar informações. Jovanir afirma já ter visto OVNI em 19 oportunidades. Dos mais de 100 casos que registrou, aproximadamente 70 teriam ocorrido em Porto Alegre. "Cheguei a conclusão de que para cada quatro pessoas que perguntasse, uma teria visto alguma coisa estranha no céu", calcula. Dois casos chamam atenção pela localização. Um, na avenida Protásio Alves na noite de ano novo de 1977.

Um garoto diz ter avistado um grande objeto oval que emitia intensa luz vermelha. Ele descreve uma aparição de um minuto. Em três segundos, o OVNI teria sumido, depois que o tio do garoto se aproximou para vê-lo. O outro caso teria ocorrido na Azenha no final da década de 80. Uma luz azul e rosa, também oval, foi avistada por uma senhora que não quer ser identificada. Ela afirma que o objeto chegou a 10 metros de distância de sua casa e cinco metros de altura. "Cheguei a sentir o calor do disco", afirma, impressionada.

Ufólogos da Capital dizem que a maior parte das aparições de OVNI em Porto Alegre acontecem na Zona Sul. Muitos no rio Guaíba e nas encostas dos morros Tapera e do Osso. Há casos também de pessoas que afirmam ter visto seres considerados extraterrestres na região. Em 1985, na rua Álvaro Guterres, bairro Camaquã, um casal de jovens teria visto, num terreno baldio, um ser *humanóide* com o corpo coberto de pequenas luzes. O E.T teria um instrumento semelhante a uma pá luminosa na mão. Eles não foram os únicos a relatar a visão desse ser. Na Restinga Nova, há 30 anos, Doralice de Souza Barbosa, 41 anos, estava voltan-

dô para a casa de carroça, à noite, quando diz ter avistado o que o folclore chama de "Mãe D'ouro". Ela descreve um ser semelhante ao visto pelo casal de jovens. Para ela, o que viu não era uma alucinação porque o cavalo relinchou, assustado com a aparição. Dois casos iguais, na mesma região em 26 anos.

### Um está em Gravataí

Em 19 de dezembro de 1972, testemunhas afirmaram ter visto um OVNI semelhante a uma bóia de salva-vidas. Tinha uma luz clara em volta, mas era escuro no centro. O estranho objeto foi visto por pessoas de Porto Alegre e de outras regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraguai, Argentina e Andes chilenos, entre às 20h30min e 21h30min. Um dos maiores arquivos vivos sobre o tema no mundo presenciou esse fenômeno. O funcionário público aposentado Víctor Soares pesquisa objetos estranhos desde a década de 50. Natural da Ilha dos Açores, Soares mora em Gravataí e tem relatos e fotos provenientes de mais de 70 países. A sala que dedica para guardar material sobre o tema tornou-se pequena com o passar dos anos. Possui mais de 20 mil casos registrados, sendo 5 mil no Brasil. São pesquisas, recortes de jornais, publicações, matérias em revistas e fotos. Víctor Soares é autor de artigos editados em várias revistas do mundo. "Vejo OVNI's desde 1943, quando não se falava em discos voadores abertamente no mundo", lembra o ufólogo de 69 anos. O relato que mais lhe impressionou em Porto Alegre foi o de um funcionário civil da Força Aérea, de 25 anos, que voltava para a sua casa na Vila IAPI depois de visitar a namorada no Bela Vista. Era um dia chuvoso, a estrada era de chão batido e todo o cuidado era pouco. De repente, viu um raio de luz branca proveniente do céu. Não chegou a olhá-lo, simplesmente perdeu a consciência em



MARLENE MASSINGER

### Sala no Partenon teria sido construída sob orientação de extraterrestres

cima da moto. Acordou em Novo Hamburgo, andando normalmente no veículo.

### Os segredos da Aeronáutica

As informações que saem da Base Aérea de Canoas (BAC) sobre o assunto são todas extra-oficiais. Segundo o ufólogo e psiquiatra Ernesto Bono, é comum caças da Base Aérea de Canoas se deslocarem para perseguir dis-

cos voadores. "Eles nunca divulgam nada que acontece". Existe um documento confidencial chamado de Norma de Procedimento Aeronáutico 9-C, emitido em 20 de agosto de 1990. Trata-se de uma orientação aos militares que tiverem contato com OVNI's. O Art. 4.7 do documento diz: "havendo telefonemas de jornalistas ou curiosos, solicitando informações, responder que não está autorizado a fornecê-las". O ufólogo Kaiser Konrad, de Canoas, afirma ter visto, no dia 6 de junho de 97, algo parecido com uma estrela, mas cinco vezes maior que o planeta Vênus visto a olho nu. "Entrei em contato com a BAC, mas eles negaram ter radar. Tentei o Aeroporto Salgado Filho. Disseram que é uma informação confidencial". Dias depois, ele diz ter falado com controladores de voo do próprio aeroporto, que confirmaram ter visto a mesma coisa. Kaiser tem um depoimento de um piloto da VASP, que diz ter sido perseguido num voo de Porto Alegre a São Paulo por um OVNI em 1986.

No dia 15 de dezembro de 1996, o zelador de um prédio da avenida João Pessoa subiu no terraço para tirar fotos de sua noiva. Ele explica que avistou durante 10 segundos um objeto sobre o Parque da Redenção, deslocando-

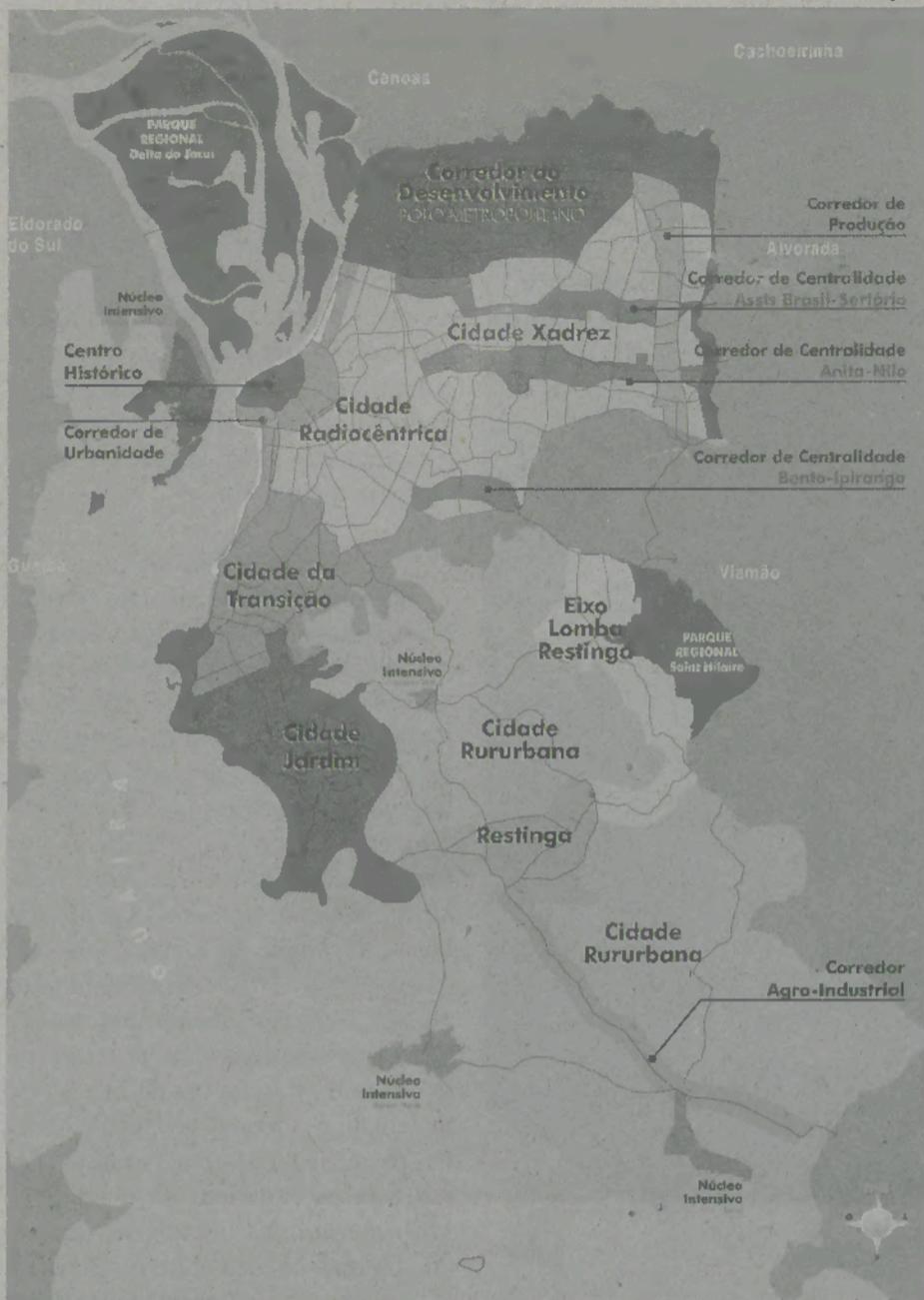
do-se de baixo para cima em alta velocidade. Com pressa, acabou colocando o dedo na frente da lente, mas conseguiu fotografar o suposto disco voador. Informou o acontecido ao 5º Comando Aéreo Regional. Os militares foram até sua casa. Pediram a foto e os negativos, mas sua noiva, que os atendeu, negou saber da história. Mais tarde, ela recebeu alguns telefonemas dizendo que não era bom guardar aquele material em casa. "É assunto de segurança nacional", diziam. Muitos ufólogos não acreditam que a foto seja de um disco, outros juram que sim.

### "Vimanasofia"

Segundo Hernan Mostajo, diretor coordenador da Federação Gaúcha de Pesquisas Ufológicas (FGPU), existem quatro grupos de ufólogos na Região Metropolitana de Porto Alegre. "Há muitos curiosos. Para ser um ufólogo reconhecido pela FGPU é preciso ter critérios e desenvolver um trabalho sério". Por outro lado, há também a chamada Vimanasofia que se distingue da ufologia por não querer provar a existência dos OVNI's e afirmar manter contatos de várias formas com ETs. O termo foi usado pela primeira vez no Brasil pelo matemático Ademar Eugênio de Melo, um pesquisador da área. A raiz do termo está no principal livro hindu: o *Marrabarata*. Na obra existe um trecho de uma batalha entre os Deuses e os homens. Os Deuses tinham veículos aéreos que eles chamavam de Vimanas com um grande poder destruidor. "Em sânscrito, Vimana significa Carruagens de Fogo, habitadas pelos semi-deuses, nossos ancestrais presentes que, periodicamente, retornam à terra para minorar o sofrimento humano", explica Henri Koliver, 34 anos, porto-alegrense que organiza o Instituto Consciência Futura em Minas Gerais.

Existem muitos grupos adeptos da vimanasofia em Porto Alegre. Um deles é o Grupo Luz. Seus integrantes reúnem-se três vezes por semana no bairro Partenon para sessões de contato. Segundo o coordenador do grupo, Élbio Prati, eles constantemente recebem mensagens em que seres de outros planetas se manifestam telepaticamente ou por *desdobramentos* (quando os médiuns do grupo enxergam seres não materializados). O grupo construiu uma sala para as sessões. "Esta sala foi feita sob orientação dos extras durante três anos". Contém cristais e um poço com água correndo em sentido horário. Quem segue a vimanasofia não gosta de ser definido como adepto de mais uma religião e prefere não divulgar seu trabalho. "Aqui temos pessoas de várias religiões diferentes. Sabemos que estamos trabalhando com seres de bem. Isto basta", explica Élbio Prati. **TXQ**

DIVULGAÇÃO



Porto Alegre: limites tênues entre o rural e o urbano

## Novo Plano Diretor extingue zona rural de Porto Alegre

PATRICIA DOMINGUES DÁVILA

Pelo censo de 1991, Porto Alegre possuía 1 milhão 251 mil 724 habitantes, sendo 1 milhão 237 mil 72 na zona urbana e 14.652 na zona rural. A área urbana correspondia a 69,36% do território e a área rural, 30,64%. Essa distinção deixará de existir a partir da implantação do novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA) do município, em discussão na Câmara de Vereadores. Pelo novo Plano Diretor, a cidade será dividida em nove regiões chamadas macrozonas. As macrozonas são conjuntos de Unidades de Estruturação Urbana com características peculiares quanto a aspectos sócio-econômicos, paisagísticos e ambientais.

As mudanças justificam-se à medida que o desenvolvimento da cidade exige uma atualização de normas. Segundo o relator do 2º PDDUA, vereador Lauro Hagemann (PPS), o limite entre os conceitos de rural e urbano ficou muito tênue. "Tradicionalmente, nossos planos diretores sempre fizeram distinção entre zona rural, que ocupa mais de um terço do território do nosso município, e zona urbana", explica. A primeira, é tributada pelo INCRA, que cobra o ITR (Imposto Territorial Ru-

ral), imposto federal; e a segunda, sendo administrada pela prefeitura que cobra o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), imposto municipal.

Hoje em dia, a afirmação de que em torno da cidade existe uma zona rural há muito deixou de ser verdadeira. Na zona rural de Porto Alegre existe uma demanda de equipamentos públicos, como pavimentação, saneamento e água, cada vez mais crescente. Por outro lado, boa parte da produção primária dá-se em área legalmente urbana, como é o caso do pêssego. "Essas considerações levam-nos a entender que a proposta do Executivo Municipal de terminar com o conceito de zona rural e considerar que todo o território do município é cidade está correta", explica o vereador.

Uma das macrozonas se chama Cidade Rururbana, que engloba bairros como Belém Novo, Belém Velho e Lami. Esta região terá como prioridade a preservação ambiental, o uso para lazer e turismo e atividades primárias. Conforme o censo de 1991, o bairro Belém Novo tinha 11.103 habitantes. A projeção da Secretaria do Planejamento Municipal para o ano 2000 é de 13.624, para uma área de 2925 ha.

## Comunidade

# Um novo olhar sobre o morro

O Centro Murialdo é uma experiência bem-sucedida de organização comunitária

EDUARDO FERREIRA  
ALESSANDRA GUNZAGA

O Morro da Cruz é conhecido como um dos lugares mais perigosos de Porto Alegre. Tal fama gerou muitos preconceitos. Assim, muitos porto-alegrenses passaram a temer um lugar que na realidade não conhecem e provavelmente nunca vão conhecer. Poucos parecem notar que a maioria dos moradores leva a vida honestamente e que a criminalidade, mesmo sendo um dado real, não é uma regra de convívio. Por tudo isso, experiências como a do Centro de Convivência e Criatividade Murialdo merecem ser mais divulgadas, pois mostram uma faceta pouco contemplada pela grande mídia.

O Centro Murialdo, mais conhecido como "Antigo Colégio dos Padres", é um projeto que começou suas atividades em fevereiro deste ano. Trata-se de um espaço extra-classe aberto a crianças e adolescentes em idade escolar (dos sete aos 14 anos). Neste local, os jovens têm acesso a diversas atividades de lazer e educação. O objetivo é permitir que eles desenvolvam a criatividade e aprendam formas mais sadias de convívio social ao invés de ficarem nas ruas, quando estão fora do horário de aula. A Congregação de São José, Josefinos de Murialdo, é responsável pela criação do Centro, que é dirigido atualmente pelo padre Giovani Manique Barreto. Trabalham no local quatro educadoras fixas e mais quatro que trabalham em determinados dias da semana. Também auxiliam, no período da tarde, doze educadores seminaristas, como voluntários.

O Morro da Cruz, durante muitos anos, foi uma área pouco assistida pelas autoridades governamentais. Com o agravamento da crise, os problemas gerados pela pobreza aumentaram sensivelmente. São muitos os casos de famílias desestruturadas, em situação de pobreza, que apelam para o trabalho informal ou mesmo para a mendicância. Além disso, é comum que muitas crianças e adolescentes vivam em ambientes familiares onde não há nenhum tipo de orientação moral. Num cotidiano de carência material e afetiva, estes jovens convivem diariamente com situações de violência nos lares, nas ruas e nas escolas. É justamente para combater este quadro que foi criado o Centro.

### Aprender brincando

Trabalhar com o lúdico. Esta é a grande proposta do Centro Murialdo. Atividades recreativas são utilizadas para atrair os alunos. A estratégia é

transmitir valores e lições de auto-estima e respeito mútuo de uma forma agradável e divertida. Há oficinas de teatro, curso de datilografia, capoeira, grupo de música e dança, escolinha de futebol, artesanato, artes, orientações religiosas e sexual.

Embora não seja o principal objetivo do Centro, também são oferecidas aulas de reforço para os alunos que estão em dificuldade na escola. Mas neste caso, a forma de ensino é diferente do padrão tradicional, buscando estimular o aprendizado de uma forma mais divertida para as crianças. Além disso, há atividades que visam qualificar adolescentes para o mercado. Já foi realizado um curso de reciclagem e está em andamento o curso de formação de padeiros, para maiores de 19 anos.

A criação do Centro Murialdo teve boa repercussão na comunidade do Morro da Cruz. No início do ano, o número de inscritos era superior a 200. Com o passar do tempo, o número de frequentadores caiu para aproximadamente 150, mantendo-se de forma oscilante. De qualquer maneira, os jovens demonstram gostar das atividades que participam. As atividades preferidas são a capoeira e as aulas de dança, como o fandango e o ballet (entre as meninas). É no momento da diversão que os educadores procuram transmitir valores para os alunos. O seminarista Reinilson Rodrigues Santana é o responsável pelas aulas de capoeira. Na opinião dele, o objetivo de suas aulas não é a capoeira em si, mas fazer o aluno pensar diferente. "Em vez de ficar gastando energia na rua, eles gastam energia aqui", completa.

### Trabalho em equipe

Quem participa de um trabalho como este não pode esperar resultados em um curto espaço de tempo. Há crianças e adolescentes que chegam ao Centro com sérios problemas de relacionamento familiar. Reinilson lembra que, no início, a situação era pior. "As crianças chegavam, muitas vezes, nervosas e desconfiavam nos coleguinhas, brigando. E a gente teve que aprender a trabalhar com isso. Acho que a gente aprendeu mais com elas do que elas com a gente", constata. Com o passar do tempo este tipo de comportamento violento foi diminuindo. A voluntária irmã Janete Brizola, da Congregação Franciscana de Nossa Senhora de Aparecida, também notou a mudança. Segundo ela, as crianças estão menos agressivas e arredias e mais receptivas e carinhosas. "Mas, de qualquer forma, é um processo lento para uma mudan-

ça significativa", avalia. Ela acompanha a formanda Giovana Gomes, da mesma congregação, nas aulas de reforço escolar, canto e teatro. Diz que, mesmo com as dificuldades, o trabalho é válido por ajudar a criança e o adolescente a descobrirem o próprio potencial.

Nem todos compartilham da mesma certeza. O seminarista Cristiano Roratto, coordenador de algumas atividades no Centro, vê uma grande dificuldade de trabalhar com frequentadores que têm uma vida familiar desestruturada, principalmente os adolescentes. Roratto diz que é muito complicado passar novos valores para quem sempre levou uma vida desregrada, sem o apoio dos próprios pais. "Tudo o que eles aprendem aqui, acaba sendo ridicularizado pela família", explica. Um caso dramático, ocorrido na noite de terça-feira, dia 19 de outubro, ilustra muito bem esse problema. Um adolescente arrombou a porta da dispensa e levou parte da comida que estava guardada. Segundo o seminarista, trata-se de um caso isolado, pois a grande maioria aprende a respeitar e a cuidar do Centro. "É compensador quando a criança começa a agir de acordo com o que ensinamos", lembra. As crianças, em geral, têm uma família estruturada e não sofrem negligência dos pais. Os outros casos são muito mais difíceis de se trabalhar, pois o problema está ligado ao ambiente familiar e seria pouco proveitoso trabalhar apenas com a criança ou o adolescente, sem procurar saber dos pais. De qualquer forma, os educadores são unânimes em constatar que houve um progresso no que diz respeito ao relacionamento dos jovens. No primeiro ano de atividade, isto pode ser considerado uma grande vitória.



As aulas de capoeira estão entre as atividades preferidas dos jovens

Além disso, a entidade já ganhou prestígio junto à comunidade, que considera o Centro um local seguro para deixar os filhos.

#### Dificuldades e conquistas

O Centro Murialdo sempre precisou contar com o apoio de outras entidades. Os recursos para manutenção, como o pagamento do salário dos educadores, provêm do Colégio São José

do Murialdo e de um convênio com a FESC. Segundo o padre Giovani Barreto, existe a necessidade de investimentos nas áreas de psicologia (para atendimento às crianças), higiene e saúde (com novos banheiros e bebedouros). O prédio também precisa de obras de manutenção. Outro problema é a verba mensal enviada pela prefeitura, via FESC, para compra de alimentos. O valor, em torno de 1,5 mil reais, é

pequeno para atender a todas as crianças.

Parte do problema é solucionada com doações de particulares e de empresas. Recentemente o Centro iniciou um projeto de parceria com a empresa de ônibus Carris, que promoveu a festa do Dia das Crianças, através de um grupo de solidariedade formado pelos seus funcionários. A Faculdade de Comunicação da UFRGS - FABICO - colaborou com a criação do logotipo do Centro e fez um estudo sobre o local e o Morro da Cruz. O Bannisul contribuiu com uma verba para a confecção de camisetas e diversos materiais.

Outro trunfo é a adesão de pessoas da comunidade. Ao todo, oito educadoras são da região. Mais conhecidas como "tias", elas contribuem diariamente para que o trabalho tenha bons resultados. O fato de elas morarem no Morro da Cruz facilita muito o relacionamento da entidade com os jovens, pois são pessoas conhecidas por todos.

Ana Rosa Fagundes, por exemplo, trabalha nos dois turnos e conhece o Centro há quatro anos, desde a época em que ali funcionava uma escola. Ela cuida da limpeza durante a manhã. À tarde, faz a merenda. Acredita que o trabalho que está sendo desenvolvido é muito importante para a comunidade. Sua colega, Santa Enilda da Silva, trabalha pela manhã como educadora nas aulas de datilografia e arte. De tarde, atua como voluntária, ajudando na merenda. Ela concorda com a afirmação de Ana e acrescenta que o trabalho só vale a pena para quem realmente gosta das crianças e adolescentes que vão ao Centro. Afinal, todos são da mesma comunidade. **TXQ**



As aulas de tricô para as meninas fazem parte da oficina de artesanato

## GERAL

## Madre Pelletier: mulheres, crimes e

A vida na única penitenciária feminina do Estado

FERNANDA RECHE

"Cada sentença um motivo,  
uma história  
De lágrimas, sangue,  
vidas e glórias"

Racionais MC's

FERNANDA RECHE

JANIS LINDA LOUREIRO MORAIS

Em um prédio de paredes cor-de-rosa na avenida Teresópolis funciona a Penitenciária Feminina Madre Pelletier, que só não parece um colégio por causa das grades reforçadas nas janelas e dos brigadianos que fazem a segurança externa da casa. O estabelecimento de 5,5 mil m<sup>2</sup> foi erguido em 1946 pelas religiosas da Congregação de Nossa Senhora de Caridade do Bom Pastor, que passaram a administração do edifício à Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado. A Casa, como é chamada pela equipe dirigente da penitenciária, tem 180 detentas - 20 a mais que sua capacidade - e 53 funcionários, entre a guarda, agentes penitenciários e auxiliares administrativos.

Janelas gradeadas com uma imensa quantidade de roupas penduradas escondem mulheres que carregam histórias e experiências de vida nada agradáveis. Jussara\*, 43 anos e mãe de quatro filhos está ali porque assumiu a culpa de um dos seus *anjinhos*: seu filho foi pego com uma grande quantidade de drogas e tinha acabado de fazer 18 anos. Ela achou que ele não agüentaria a prisão e resolveu pagar por seu erro. "É muito triste estar aqui, mas acho que valeu a pena ter abraçado a bronca do meu filho, ele agora tá se tratando em uma clínica religiosa", diz Jussara entre lágrimas. Rosali tem o rosto pálido, tranças no cabelo e 39 anos. Foi considerada cúmplice de seu marido e de seu irmão, que levaram sua filha de 14 anos à prostituição. Culpada ou não, ela vê sua experiência na cadeia como uma coisa positiva: "Aqui aprendi a viver. Eu mudei, e para melhor".

Mas como passar o tempo em uma penitenciária? As opções são: comer, dormir, ler, trabalhar e caminhar pelo corredor estreito da galeria de um lado para o outro, enquanto a hora do pátio não chegá. Acender um cigarro para se distrair é um hábito comum a praticamente todas as detentas. Rádio e televisão são privilégios de poucas. Jussara sempre gostou de ouvir música, mas na cadeia ela evita: "Aqui não, é diferente, não gosto". Ela ocupa suas horas vagas lendo textos bíblicos e livros de histórias verídicas. Adriana, que tem 25 anos e foi presa por assalto, joga vôlei nos horários de recreação no pátio. "Se eu fosse revoltada, não teria cabeça para segurar



O varal das presas interceptam o pouco sol que lhes resta.

todo esse tempo aqui dentro", supõe. Elacir, de 52 anos, foi julgada a *revel* por peculato que cometeu há mais de 14 anos em São Paulo. Ela serviu de *testa-de-ferro* autorizando a doação de casas populares a pessoas indevidas. Nordestina, é formada em assistência social, tem pós-graduação e licenciatura em história. Nem sabia da existência do processo, pois veio mojar no sul e só a encontraram depois de condenada. "Não desço para o pátio, prefiro ficar lendo e fazendo palavras cruzadas na cela", conta.

Muitas presidiárias são *chegadas em uma gasolina*, que é como elas chamam a correspondência lá dentro. Há sete meses toda a correspondência que entrava e saía do presídio era lida pelas guardas que trabalham na segurança. Com a administração da diretora Maria José, que assumiu em abril, as coisas

mudaram. "A intenção agora é respeitar os direitos dessas pessoas como cidadãs", conta a diretora. As cartas não são mais violadas, a única exigência é a de serem abertas na frente de um agente penitenciário para mostrar que não há drogas. O mais interessante para elas, porém, é passar o dia envolvida com um trabalho. O estabelecimento carcerário feminino tem convênios com oito microempresas que atuam dentro do presídio, como confecções e malharias, por exemplo. Os empresários fornecem o material e as detentas entram com a mão-de-obra em troca de uma baixa remuneração e um dia de remissão na pena a cada três de expediente. O trabalho voltado para a própria penitenciária, como a cozinha e a limpeza, também é uma alternativa para as presas que querem se sentir úteis. "Se eu perder meu cargo

de auxiliar de cozinha vou ficar maluca, não teria como passar um dia sem trabalhar", teme Jussara que, além da remissão, ganha apenas doze reais por mês. Além desse trabalho interno, há presidiárias no regime semi-aberto, que trabalham fora e voltam para dormir à noite. Algumas detentas do semi-aberto estão na Casa Albergue Feminina, que fica em frente à prisão. É para lá também que se dirigem as que estão em regime aberto e não têm para onde ir.

## Cento e oitenta detentas a sete chaves

As 180 presas vivem em celas para duas pessoas divididas em sete galerias. A galeria A é a da creche, atualmente com 16 crianças, onde ficam as detentas que têm filhos de até 6 anos de idade. Depois desse prazo eles são encaminhados aos parentes ou para uma instituição de menores. As galerias B1, B2 e B3 abrigam as que trabalham dentro do Madre Pelletier, na cozinha, na limpeza e nas empresas, respectivamente. A galeria C é a do semi-aberto e na D ficam as mulheres que estão condenadas. Na E ficam as detentas provisórias, que ainda não foram a julgamento. Há um dia por semana - sábado ou domingo, dependendo da galeria - em que elas podem receber visitas. É uma das únicas casas do sistema penitenciário do Rio Grande do Sul em que o visitante não passa por revista íntima, quem passa é a presa. A visita só tem de enfrentar, na entrada, o detector de metais. "Todas as presas ficam na expectativa, se não aparece ninguém é o dia mais triste da semana", conta Helena, 35 anos, que depois de 1 ano, 7 meses e 3 dias de recolhimento está no seu primeiro dia de liberdade. Ela saiu de madrugada, foi até Caxias do Sul ver a sua família e só voltou para pegar R\$ 106,00 e alguns objetos pessoais. Vai prestar serviços à comunidade. A felicidade está carimbada nos seus olhos inchados pelas lágrimas de alegria.

Rosali parou de estudar aos 12 anos e agora está fazendo o supletivo de 2º grau que funciona na cadeia: "Na minha época não era preciso ter estudo, mas hoje, com todo esse desemprego, é necessário". Ela pretende dar continuidade aos estudos quando sair da prisão. "Mais de 80% das reeducandas já estão trabalhando durante o dia e estudando à noite. Nós estamos procurando que elas saibam realmente o que é viver em comunidade", informa a diretora Maria José. Adriana está fazendo a segunda série e é a prova de que a fórmula está funcionando: "Desde guria sempre fui

# s e castigos

luca, envolvida com drogas e furtos e só aqui aprendi como a gente deve tratar as outras pessoas". A penitenciária possui uma enfermaria com um médico clínico geral, uma psicóloga, uma ginecologista e um dentista. As detentas têm acesso a qualquer tipo de atendimento, mas é feita uma triagem para ver se é mesmo necessário.

Há objetos que não entram nas celas de jeito nenhum por questões de segurança: espelhos, facas, cortador de unhas, tesouras, cadernos de espiral, cremes de beleza que possam ter drogas escondidas no tubo etc. Elas também têm de respeitar o horário de silêncio: 22 horas. Há muitas reclamações quanto a volume alto de rádios e de demora sob o chuveiro - há apenas um em cada galeria. "Antes eu é que ditava as regras na minha casa, agora tenho que obedecer", compara Jussara. Há normas também entre as próprias moradoras do presídio: "Tu não viu nada e não sabe de nada", revela Helena a frase mais ouvida sob ameaça de suas ex-colegas. Por coisas desse tipo é difícil conquistar uma amizade lá dentro: "Tu sempre fica com o pé atrás", diz Rosali.

Quem não segue o regulamento da Casa vai para o castigo. A Lei de Execuções Penais dá direito aos presídios de isolarem por dez dias o preso que não cumpriu alguma norma, com direito só a comida. No Madre Pelletier, o isolamento é feito numa sala com cama e banheiro próxima à da triagem. Até bem pouco tempo atrás o DOPS, ou *isolado*, como o castigo era chamado pelas presas, não tinha muita diferença da *solitária* que se vê em filmes. As detentas dizem que era uma tortura, um lugar sem a mínima higiene. Se ninguém puxava a descarga

que fica do lado de fora do quarto, a sujeira ficava toda ali. O motivo que levou essa administração a desativar o *isolado* foi o episódio do último Natal. Uma moça foi parar lá por bate boca com uma funcionária. Não agüentou e implorou para que a deixassem sair. O pedido foi negado e a moça se enforcou com o lençol. As detentas pressionaram e a diretora da época teve de pedir afastamento do cargo. Jussara, confirmando a história, admite: "Essa nova diretoria é bem mais acessível e humana que a antiga". Adriana conheceu o novo castigo porque chutou uma porta da galeria: "É como estar na própria cela, só a liberdade que diminui ainda mais".

## Tô puxando uma doze

Os delitos mais frequentes entre as mulheres são tráfico ou porte de entorpecentes, roubo e furto. Helena estava ali pelo mesmo motivo da maioria: *puxou uma doze*, ou seja, foi enquadrada no artigo 12 (tráfico) da lei especial de entorpecentes. "Comecei a traficar para ajudar meu marido", diz ela. Ele estava no Presídio Central e, lá dentro, se tornou viciado em crack. Como não tinha dinheiro para sustentar seu vício, pediu para Helena traficar. E ela, então em Caxias do Sul, alugou outra casa só para o tráfico, para preservar seus sete filhos. O negócio durou dois anos e meio, até que resolveu não dar mais os R\$ 300,00 semanais para o marido e foi denunciada por ele. A polícia bateu na sua porta numa segunda-feira e resolveu não prendê-la em troca do dinheiro que tinha na hora, vinte mil reais. Na quarta-feira já estavam lá novamente em busca de mais dinheiro. Helena preferiu ser presa a sustentar os policiais e instaurou um



Na creche da galeria A, as detentas podem conviver com seus filhos

inquérito contra a polícia. Os policiais levaram tudo que ela tinha dentro de casa. A situação se agravou quando ela pagou adiantado a uma advogada que sumiu com o dinheiro. Depois ficou sabendo que dois de seus amigos foram executados pela polícia. Ela já está livre e o inquérito policial militar ainda não deu resultado.

A reincidência é grande. "Estou aqui

JANIS LINDA

há dois anos e nesse tempo já vi gente entrar e sair umas cinco vezes", relata Rosali, que não acredita no sistema carcerário. "Ele é feito com a intenção de punir e não de ajudar, como deveria ser", opina Jussara. Elacir sonha em mudar a cadeia enviando cartas a Olívio Dutra e a FHC: "Eu como de graça quando tenho um potencial que poderia ser melhor aproveitado. Estou tomando o lugar de pessoas que têm uma intenção perigosa na sociedade, que não é o meu

caso". A classe social e o nível de escolaridade, em geral, são baixos e poucas possuem profissão definida. Os registros dos prontuários também evidenciam a predominância de detentas solteiras e com filhos. Essa classificação é relativizada na medida em que muitas não regulamentam a união. O lesbianismo se torna frequente entre essas mulheres carentes de afeto.

Quem pensa que em um presídio se perde a noção do tempo está equivocada: todas essas mulheres sabem exatamente o dia em que estão, com o objetivo de contar quantos dias ainda faltam para a liberdade. E os planos? São muitos... "Quero viver em outro lugar, onde morava era só crime. Quero mudar minha vida", deseja Adriana. Helena, com medo da perseguição da polícia de sua cidade natal, pensava em morar em Porto Alegre, mas duas horas depois de sair já estava em Caxias com a família. "Só quero voltar para minha casa e ficar com a minha família", diz Jussara saindo aos prantos, voltando para o confinamento.

**TXQ**

\*Nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.



Nas microempresas, uma alternativa de ocupação

## PERFIL

## Sotaque no dial gaúcho

O inglês Robin Clein fala de blues  
semanalmente na Unisinos e na Gaúcha FM

MARTA CORRÊA MACHADO

O que levaria alguém a trocar os verdejantes e bem cuidados jardins de Hampstead, no norte de Londres, pelos gramados secos e desleixados do sul do Brasil? "Seis meses de tempo bom por ano, pelo menos quatro a mais que na Inglaterra", é a resposta de Robin Clein, que há 14 anos abandonou a sisedez das ilhas britânicas e resolveu explorar a liberdade caótica dos trópicos. Casado com uma gaúcha e com um filho pequeno, Robin instalou-se em outra ilha, Florianópolis, onde as pessoas são menos pontuais e mais acessíveis. Poderia ter vivido lá para o resto de seus dias, não fosse a dificuldade de adaptação de sua mulher que, em 10 anos de convivência anglo-saxônica, havia perdido a gíngua de cintura necessária para a sobrevivência em meio aos nossos irmãos de barrigas coloridas. O jeito foi migrar para Porto Alegre.

Mas Robin não tem do que se queixar na capital sulista. Formado em psicologia, ele nunca exerceu a profissão. Foi no Brasil que ele pôde dar lugar à sua paixão pelo rádio. Ao chegar aos pampas, produziu alguns "Clube do Ouvinte" sobre blues na Ipanema FM. Em 1988 recebeu de Júlio Fürst um convite para trabalhar na Nova Itapema. De lá só saiu em 95. Desde então passou a executar semanalmente sua viagem sonora pela alma negra na 103.3FM, a rádio da Unisinos, onde apresenta até hoje "Soul Company". Em março deste ano Robin voltou a falar nos microfones da RBS, com seu programa "Black & Blue" na Gaúcha FM.

E as dificuldades da língua? Ele aprendeu português em apenas quatro aulas. Quatro aulas, muitas leituras de jornais e

revistas e muita atenção às bocas tupiniquins. O sotaque carregado nunca foi empecilho para a produção e apresentação dos programas. O que seria impensável nas paragens da *auntie* BBC, nas rádios brasileiras é motivo de orgulho. Quando Robin passou a fazer parte do time da Gaúcha FM, anúncios no jornal alardeavam que "o nosso inglês está cada vez melhor". Robin justifica: "As pessoas aqui facilitam a tua vida, lá na Inglaterra tudo é mais difícil".

Mas não é nos programas de rádio que Robin garante o chá das cinco de todos os dias. Junto com Heitor Moraes, outro velho conhecido dos microfones gaúchos, ele montou uma empresa de sonorização, a Hero, e realiza de três a quatro eventos por semana. E não pense que os convidados embalados por esta equipe de DJs sacoleja ao som de Buddy Guy ou Billy Holiday, não. Robin transita pelo mundo pop com muita destreza também. Atualizados pelas FMs consideradas "ruins" por eles (como Cidade, Atlântida, 107 Pop/Rock, entre outras), os meninos da Hero estão sempre ligados nas novidades do dial mundial.

Robin faz questão de ir anualmente a Londres. Menos para matar a saudade do verde dos parques que para varar exaustivamente os balcões da Tower Records em busca dos últimos lançamentos de blues, *rhythm&blues*, *soul* e afins. Ele também confere, sempre que o orçamento permite, todos os shows de blues que acontecem por lá durante suas visitas.

E depois volta correndo aos braços da pátria que o acolheu sorridente. "Em 14 anos só pensei duas vezes em voltar para a Inglaterra. Aqui me sinto em casa." **TXQ**



"Robin Clein e seu *Black & Blue* na Gaúcha FM"

## Frequentar coquetéis é o passatempo preferido de Telmo Freire

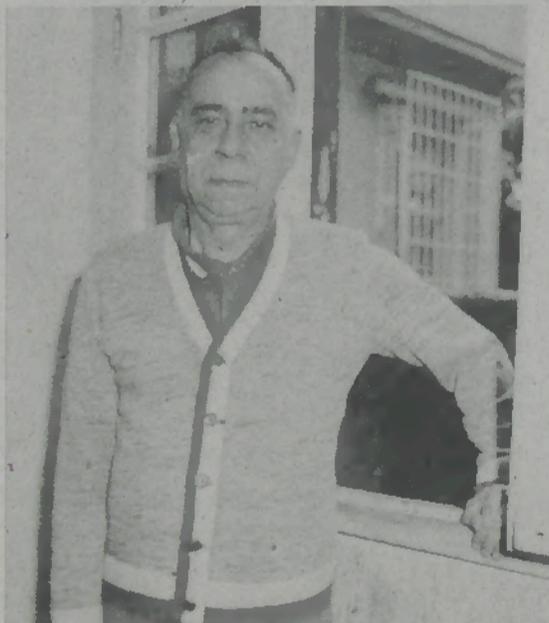
MARLENE MASSINGER

LEANDRO BRIXIUS

Quem passa pelo sobrado número 182 da Rua Fernando Gomes não deve imaginar que ali more um dos mais tradicionais personagens da cena cultural de Porto Alegre. Telmo Freire, 58 anos, é conhecido pelos artistas, escritores ou apreciadores de arte como um *rato* de coquetéis. Desde 1962, este bageense que era jovem quando veio morar na Capital, frequenta lançamentos de livros e exposições de arte.

Telmo estudou contabilidade no Colégio Protásio Alves e diz que precisou interromper o curso porque as aulas eram à noite. Quando perguntado sobre sua atividade profissional, informa que nunca trabalhou. Hoje, recebe uma aposentadoria, ou pensão, Telmo não passa uma informação precisa. A casa em que vive é herança de família, deixando uma impressão de penúria e desleixo, valendo também para a mobília e utensílios, antigos e gastos pelos anos de uso.

Um certo dia, passando em frente a uma antiga galeria na Rua Marechal Floriano, sentiu vontade de entrar e conhecer uma exposição de arte. Daí em diante, não parou mais. Alguns meses depois, recebeu a companhia de Glécia Bertasso Avellanel. Estava formada a dupla que por quase quatro décadas marcou presença nas galerias de



Freire, um dos mais famosos *ratos* da cidade

arte, livrarias, restaurantes e espaços culturais de Porto Alegre. Esta união durou até dois meses atrás, quando Glécia faleceu, algumas horas após ter participado de mais um coquetel.

O casal era considerado por muitos artistas como um charme especial da Capital. Para muitos, sua ausência era sinal de azar

e insucesso. Estas afirmações podem ser confirmadas pelas três exposições fotográficas das quais participaram, desta vez como *objeto* em exposição. A primeira foi Caras e Coroas, de Leonid Straliev, na década de 80. Em seguida, teve Caras de Porto Alegre, patrocinada pela Revista Veja. A última foi no Teatro São Pedro, com fotos de Rui Varela. Telmo Freire foi, inclusive, colunista dos extintos jornais mensais *Terceira Margem* e *Enião*.

Os jornais são a fonte de diária de novos compromissos. "Procuro ir a todos os coquetéis. Às vezes, chego a ir a três ou quatro em um só dia", diz Telmo, ressaltando que dá preferência aos artistas gaúchos. Exposições de Vasco Prado, Xico Stockinger e, principalmente, Iberê Camargo têm sua presença garantida.

Telmo Freire nunca estudou arte e não possui nenhum conhecimento profundo sobre o assunto. Ele afirma que vai aos coquetéis para encontrar pessoas conhecidas e artistas famosos, como a apresentadora de televisão Tânia Carvalho, da qual afirma ser amigo pessoal. Sua preferência é por

esculturas, quadros de natureza morta ou figurativos e livros históricos sobre o Rio Grande do Sul.

Em todos estes anos, Telmo foi a muitos coquetéis. "Antigamente não era como é hoje, no máximo serviam um vinhozinho", informa, dizendo que, atualmente, os melhores tem sido do Instituto Cultural Norte Americano e do Restaurante Birra Pasta. Os da galeria de Tina Zappoli não são aprovados. "O vinho é de garrafão e os canapés não são muito bons", completa Telmo, destacando que "o coquetel sempre é um atrativo nas exposições". Por já ser uma pessoa conhecida, não enfrenta muitos problemas para entrar nas recepções. "Recentemente, na inauguração do Espaço Cultural da Fiergs, não me deixaram entrar. Eles disseram que era preciso convite, mas na verdade não era".

Telmo Freire deixa transparecer um grande prazer em aparecer. Quando perguntado sobre como é ser um personagem de Porto Alegre, diz que se sente bem e lisonjeado. Aos artistas, informa que mesmo com o falecimento de sua amiga, Glécia, vai continuar participando dos coquetéis. "Continuo indo para não acontecer uma interrupção. Já me tornei conhecido", finaliza Telmo Freire. **TXQ**

# Mil Coisas...

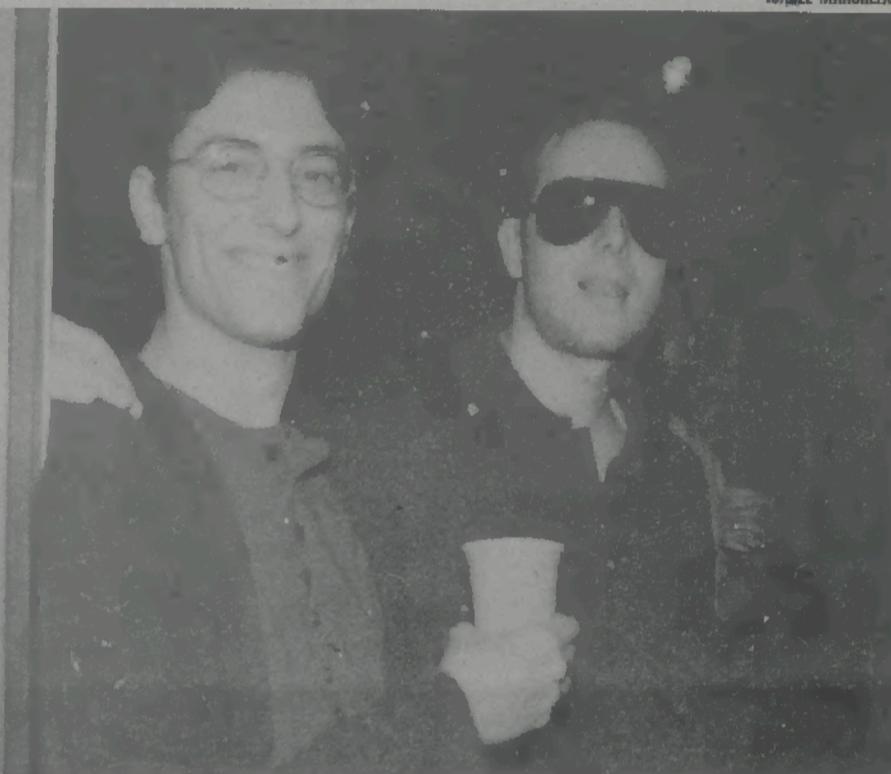
LEANDRO BELLOC

## Bidê ou balde?

Está para sair o primeiro CD da Banda **Bidê ou Balde**, que faz um som psicodélico, mesclando pitadas do rock dos anos 70 com aquele clima meio Austin Powers e um certo sotaque roqueiro gaúcho. A banda, que promete estourar no primeiro semestre de 2000, já lançou o single "Melissa", que vem tocando direto na Ipanema FM. **Carlinhos Carneiro**, estudante de jornalismo da Famecos, é o vocalista e engraçadinho de plantão da trupe.

## Não Deu

O CD com a coletânea das principais bandas da Fabico, que estava em etapa final de seleção no FUMPROARTE (projeto de incentivo à cultura da Prefeitura de Porto Alegre), não foi aprovado. A lista dos artistas que irão contar com verbas generosas concedidas pela Secretaria Municipal de Cultura inclui nomes consagrados da cena musical gaúcha, como o músico Vítor Ramil. A pergunta que fica é a seguinte: Será que artistas desse porte precisam realmente de incentivos financeiros para a realização de seus novos trabalhos? A prefeitura achou que sim.



Felipe Hartmann e Daniel Gallas no churrasco do 6º semestre da FABICO

## Fabico nas telas

Mas quem se deu bem com a história do FUMPROARTE foi o estudante de publicidade **Augusto Canani**, que estreia seu primeiro curta-metragem no começo do ano que vem. *Intestino Grosso*, o 16mm que Canani assina a direção e o roteiro, traz também o fabicano **Cláudio René Perotto**, que faz o papel de um médico no filme. Além dele, o elenco conta com outros nomes consagrados da cena sulista, como os atores **Roberto Oliveira** e **Nelson Diniz**.

## Baila La Bamba

A *Muovere Cia. de Dança*, da qual faz parte o bailarino e fabicano **Fernando "La Bamba"**, anda de vento em popa. Dirigida pela coreógrafa **Jussara Miranda**, a Companhia (que apareceu recentemente no programa *Gente da noite*, da TVCOM) está saindo para uma temporada no interior, onde vão passar por Santa Maria, Rto Grande e Cruz Alta. Para janeiro, *La Bamba* deve estreitar um novo espetáculo, só que, dessa vez, com a *Balletto Cia. de Dança*, sob a direção do coreógrafo **Cleber Menezes**. Tudo em grande estilo, com direito ao palco da Usina do Gasômetro.

## Chopp e dança ??

E um dos *points* que promete ser a sensação das noites de calor em Porto Alegre é aquela galeria em frente à rótula da Nilo Peçanha, próximo à praça da Encol. Além de ter vários bares e uma sorveteria, o lugar conta com estacionamento e segurança durante toda a noite. Um dos principais atrativos da galeria é o **Zurick Chopp Bar**, que vende aquele chopinho cremoso (antes, exclusividade do Liliput e do Líder) e, de quebra, ainda traz shows acústicos durante toda a semana, principalmente de rock e MPB.

## Cinemeando X Bailão

Deu muito o que falar a disputa entre as festas *Cinemeando no Garagem*, do cineasta **Cristiano Zanella**, e *Bailão do Cardoso Online*, do fabicano **André Cardoso**. Os dois eventos renderam no último final de semana de setembro uma briga inusitada entre os frequentadores do *Garagem Hermética*, depois que os dois rapazes firmaram uma aposta ao vivo, em pleno programa *College* na TV, da Rede Bandeirantes. A picuinha toda estava em torno de quem iria lotar mais o *Garagem* naquele final de semana. Acabou dando *Cardoso Online* na cabeça. O perdedor teve que escrever um texto puxando o saco do outro. A pérola da literatura, elaborada por Zanella, foi publicada recentemente no *Cardoso Online*, na véspera da festa do aniversário de um ano do *Cinemeando no Garagem*.

## Final de noite de Sexta

Boa pedida para quem não consegue voltar pra casa antes das 6h da manhã são as noites do **S.O.S** (José Bonifácio, 485). Todas as sextas, acontece a festa do Vinil, que dura até o amanhecer. Os bolachões dos anos 70 e 80, incluindo os empoeirados discos do **ABBA** e **RPM**, saem do armário e tocam sem parar até o sol nascer no casarão que fica ao lado do Colégio Militar. Dica: Só chegue depois das 3h (ver matéria sobre a noite alternativa).



Os mentores do Noventaecincobarraum na companhia de Vicente Canabarro

## Noventaecincobarraum

O fanzine *Noventaecincobarraum* prepara uma edição especial para o mês de dezembro. Para celebrar o lançamento da última edição do milênio, os "quase publicitários" **Augusto Mattos**, **Fabiano Goldoni**, **Felipe Anghinoni**, **Flávio Meurer** e **Léo Prestes** planejam realizar uma festa, que também servirá para comemorar a "dupla" conquista do primeiro lugar na categoria *Mídia Impressa - Projeto Experimental* do 12º Set Universitário (duas edições do fanzine acabaram empatadas em primeiro lugar).

## TURISMO

# Uma Porto Alegre muito além do pôr-do-sol

*Os gaúchos adoram a capital, mas desconhecem alguns dos seus pontos turísticos de valor histórico*

LEILA INÊS SIGNOR

Porto Alegre não é uma cidade conhecida por seus atrativos turísticos. Se comparada a capitais como Rio de Janeiro, Recife e Salvador fica, certamente, uns pontos abaixo. Porém, com certeza, se aprofundarmos nosso olhar veremos que temos muito mais a oferecer do que normalmente pensamos.

Localizada estrategicamente em ponto equidistante entre o eixo RJ-SP e as capitais platinas, Buenos Aires e Montevidéu, ela assume, hoje, naturalmente a condição de capital do Mercosul.

Cosmopolita, mas com charme de província, Porto Alegre tem muito mais do que somente a vista da cidade do morro Santa Tereza ou o pôr-do-sol do Guaíba.

Pode acontecer também de sabermos onde estão os pontos turísticos, mas não conhecermos sua história. Isso faz com que metade do encanto se perca.

Quem, por exemplo, ao passar em frente à Prefeitura, dá importância à fonte que lá se encontra? Pois a Fonte Talavera de La Reina, presente da colônia espanhola em 1935, tem duas curiosidades que são desconhecidas para a maioria da população – a importância histórica e arquitetônica, que mostra nas formas e estatuária a influência da doutrina positivista, marcante na cultura política gaúcha; e a localização, no marco zero da cidade.

Outro prédio que o porto-alegrense só se deu conta da sua importância no contexto turístico quando foi remodelado é o Mercado Público. Jóia arquitetônica em estilo neoclássico e datado de 1869.

Ao passar pelo Parque Marinha do Brasil, observamos sua grandeza mas não sabemos que junto dele temos o Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, que possui no seu interior a réplica de uma estância gaúcha destinada à manutenção e à prática da cultura tradicionalista.

Quando estamos de férias, passeando, ou no fim de semana, uma cerveja cai bem. Mas quem lembraria que a Cervejaria Brahma, situada na Av. Cristóvão Colombo, é um ponto turístico? O prédio, datado de 1911, apresenta em sua fachada muitos grupos escultóricos, inspirados na mitologia germânica, com destaque para as colunas gregas da antiga entrada principal e transformada em colunas de garrafas de cerveja.

Outro lugar que oferece um atrativo

de primeira qualidade é o Salão Mourisco da Biblioteca Pública Estadual. Em estilo neoclássico, é recoberto em ouro e dedicado a recitais. É consi-

derado também uma das melhores acústicas da cidade para esse tipo de evento.

Se você entrar em Porto Alegre pela



MARLENE MASSINGER

Gambrinus, na antiga cervejaria Brahma da Cristóvão Colombo

Av. Mauá, verá as pinturas contando nossa história no muro que separa o porto da cidade. Mas será que vai ver o pórtico de entrada do cais? Construído em levíssima estrutura de ferro, emoldurado com vitreaux foi encomendado diretamente de Paris no ano de 1919.

Nem ao menos sabemos que temos seis morros nos arredores da cidade onde se pratica o Turismo Ecológico. Segundo Carlos Augusto Alves, presidente da Associação dos Bacharéis em Turismo do Rio Grande do Sul e Consultor de Turismo do SEBRAE, não existe muita pesquisa que indique quantos pontos turísticos da cidade o porto-alegrense conhece. "O que nos consola é que isso acontece em qualquer outra cidade. Dou curso pelo interior e sempre encontro pessoas que desconhecem os atrativos turísticos que às vezes estão a cinquenta metros de suas casas", conforma-se.

Para Sílvia Martini, Gerente de Estatística do Porto Alegre Turismo – Escritório Central, esse desconhecimento é uma realidade que ultrapassa 95% da população. Para uma cidade que tem 1,3 milhão de habitantes, considerada nacionalmente o lugar de melhor qualidade de vida, isso é um absurdo. "Infelizmente, o porto-alegrense adora a cidade sorriso mas valoriza muito pouco sua história e o que ela naturalmente pode oferecer, como, por exemplo, toda a paisagem que temos às margens do Guaíba", observa.

Considerada a cidade mais arborizada do Brasil, com 700 mil árvores plantadas nas vias públicas, com uma média de 15,83 m<sup>2</sup> de área verde por habitante, Porto Alegre tem também esse atrativo para explorar, pois, a cada estação do ano, a capital dos gaúchos se veste de várias cores com seus ipês, jacarandás e flamboyans. Porém, poucos já se deram conta disso. Quem sabe, então, em vez de ela sorrir para nós, não abrimos nós um sorriso para ela?

Mais do que nos orgulharmos de Porto Alegre ostentar um certo ar europeu, uma gama de opções culturais, gastronômicas e serviços, aliada ao alto índice de qualidade de vida, deveríamos nos sentir maravilhados por ver que não perdemos nada para outros lugares onde o fluxo turístico é mais intenso. Teríamos apenas que valorizar e divulgar cada metro quadrado de nossas ruas e prédios, mas, para isso precisamos conhecê-los melhor. **TXQ**

## Comportamento

## Viva...viva... viva a noite alternativa!!!

Casas antes consideradas undergrounds estão vivendo um momento pop

CAROLINA CIMENTI  
LEANDRO BELLOC

Elas deixaram o estigma de submundo para trás, mantiveram as portas abertas e, sem mudar de imagem ou endereço, cativaram novos estilos de frequentadores. As casas noturnas alternativas, que mantinham um público seletivo, porém fiel, estão se acostumando com as multidões. Junto com a moda hippie-chic, com a crise do rock e as novidades embaladas pelas raves e drum'n bass, a noite porto-alegrense está se ampliando, e a noite alternativa está ficando pop.

Totalmente desleixado e cheio de lendas, o Garagem Hermética, aberto desde 1992, costumava ser frequentado por artistas, cineastas, grunges e o pessoal que fazia quadrinhos. Hoje o Garagem Hermética agrada especialmente os estudantes de comunicação. Nas noites mais vazias, o número de frequentadores não passa de 60. Porém quando a casa está cheia, mais de 350 pessoas circulam pelos três ambientes e jardim, passando pelo estreitíssimo corredor onde ficam os banheiros. Em qualquer situação, noite cheia ou vazia, algum fabricano deverá estar marcando presença por lá. Sobre o aumento de público nos últimos meses, Ricardo Kudla, 25 anos, um dos proprietários da casa, observa que o tipo de frequentadores foi se modificando e ampliando com o passar do tempo. "Os eventos estão sempre se reciclando, mas principalmente este ano, com a queda do rock, outros tipos de festas ocuparam o espaço, trazendo gente nova para cá", explica. Atualmente, as festas que enchem o Garagem com mais competência são o Cinemeando no Garagem, o Bailão do Cardoso, a Festa da Resistência e as noites de shows com bandas gaúchas. E as tais lendas do Garagem Hermética, quais são? Uma delas é que existe um velhinho surdo morando no andar térreo do prédio onde o bar está instalado. Alguns frequentadores, inclusive, garantem que já o viram. Outra lenda é que, antes da casa virar um bar, o lugar teria sido uma alfaiataria e, pasmem, um convento!

**Ocidente: transformando a madrugada gaúcha**

Mas em matéria de lendas, o bar alternativo mais antigo de Porto Alegre, Ocidente, que abriu suas portas em 1980, não fica para trás. O nome Ocidente surgiu porque alguém comentou com os proprietários que, há muitos anos, havia existido um café chamado Oriente naquele local. Seguindo a idéia, o nome Ocidente foi registrado, e, anos depois, descobriu-se que nunca havia existido café algum ali. De qualquer forma, o Ocidente é um símbolo da noite alternativa de Porto Alegre. Este ano, os proprietários estão investindo em reformas internas e na criação de um novo espaço na casa, o Café Ocidente. Tudo isso para receber melhor o público que vem crescendo a cada noite.

Em 1990, o Ocidente teve sua licença de som cassada por pressão da vizinhança, que reclamava da música alta e do movimento de jovens na esquina da João Telles com a Osvaldo Aranha. "Sem som, não tínhamos motivo pra abrir à noite. Ficamos apenas servindo o almoço", explica um dos sócios, Fiapo Barth, 46 anos. Depois de re-



Público de volta ao Bar Ocidente

abrir o bar, em 1996, para pagar dívidas antigas dos sócios, os dois primeiros anos não foram muito lucrativos. "Nas noites de maior movimento, havia 30 pessoas na casa", diz Barth. Este ano, a casa voltou

aos velhos tempos, mantendo a média de 370 a 500 pessoas nas noites mais concorridas. "Financeiramente, o bar está valendo muito a pena. A movimentação é como antes de ter fechado", conclui Barth, acres-

centando que uma das possibilidades para a popularização da noite alternativa tenha a ver com a reestabilização do bar.

**República alternativa - várias opções**

Os caminhos alternativos e pop de Porto Alegre também levam à Rua da República, e aqui as opções são variadas: Jardim Elétrico, Ossip, Terra Vista e Café Antártida. Cada um é alternativo no seu estilo, porém o Ossip, o menor de todos em tamanho, é o maior em popularidade. Durante a semana o bar enche, até porque não é difícil enchê-lo (cabem 35 pessoas sentadas). Mas nas sextas-feiras e nos sábados, as leis da física são literalmente desafiadas, e muitos corpos ficam no mesmo lugar ao mesmo tempo. Ainda assim a cerveja é gelada, as conversas animadas e o público crescente. Seguindo a mesma linha, o S.O.S., que era na frente do Hospital Pronto Socorro, sentiu-se obrigado a se mudar para instalações melhores e maiores na José Bonifácio. A fama de ser o melhor final de noite da cidade acabou aumentando tanto o número de frequentadores, que as sete mesas já não eram suficientes para receber quem queria esperar o sol nascer.

Outro bar que inicialmente servia um público mais restrito, e hoje conta com uma intensa movimentação é o Elo Perdido. Aberto em 1991, o bar ocupava apenas o andar térreo do prédio número 1330 da Garibaldi. Depois de ser comprado em 1995 pela atual proprietária, o Elo aumentou um andar, dando espaço a uma pista de dança, e viu formar-se uma fila à sua porta a cada noite. O movimento aumentou tanto, que alguns frequentadores antigos reclamam que a casa está muito comercial, fugindo da sua proposta. "Não costumamos fazer publicidade do bar, mas ultimamente temos notado a frequência de um público mais eclético, não somente o chamado alternativo", revela a proprietária do Elo Perdido, Cecília Capovilla, acrescentando que os novos frequentadores talvez estejam em busca de uma noite diferenciada, não convencional.

Opiniões à parte, não espere ouvir *New Radicals* ou *Sugar Ray* em nenhum destes lugares. **TXQ**

**Rota Alternativa**

Confira os melhores lugares da noite alternativa pop de Porto Alegre:

**Elo Perdido** (Rua Garibaldi, 1330) - Quem passa pela frente do sombrio casarão da Garibaldi durante o dia não consegue entender como o lugar deu certo. Sem nenhuma placa ou identificação, os que não conhecem a casa só param por causa da fila que se forma em frente ao lugar. Preferido por publicitários e universitários, o Elo abre às 22h e a porta de entrada fecha às 3h - daí, só entra quem tiver o cartão VIP.

**Garagem Hermética** (Rua Barros Cassal, 386) - Invariavelmente, podemos esbarrar em fabricanos dando mole por lá. Os shows do circuito *underground* são o principal atrativo da casa, que já serviu de sede para uma alfaiataria e um convento, pelo menos é o que diz a lenda... Nas noites que rolam festas mais confirmadas, como as da Filosofia ou Fabico, e do Cinemeando ou Bailão do Cardoso, a casa lota.

**Ocidente** (Osvaldo Aranha, 960) - As festas durante a semana, como o Sarau Elétrico, organizado pela já saudosa, nas ondas sonoras, Kátia Sumam, e a Quarta Quebrada são as mais concorridas e bacanas. Os shows no Ocidente (como Argonautas, Wander Wildner ou Cowboys Espirituais) também são uma boa pedida. Nos finais de semana, o público GLS toma conta. Eleito o melhor lugar para dançar pelo *Guia Porto Alegre*, publicado recentemente pela revista Veja.

**Ossip** (Rua da República, 677) - Também citado pela revista Veja, garantiu o título de melhor boteco da noite da capital gaúcha. O lugar está sempre lotado e conta como ponto a seu favor a cerveja sempre gelada e a famosíssima, apesar de não ter sabor definido, pizza do Ossip.

**S.O.S.** (Rua José Bonifácio, 485) - Ponto de encontro de músicos e artistas nos finais de noite, é um dos lugares mais ecléticos de Porto Alegre. Chamou a atenção há alguns meses, durante o Porto Alegre em Cena, quando os músicos do aplaudido Madredeus acabaram a noite lá. As melhores festas vão até as 8h da manhã. Se bobear, na saída da noitada você corre o risco de tropeçar nas barracas do Brique da Redenção.

**Terravista Literatura & Arte** (Rua da República, 163) - Especialmente nas quartas-feiras, de 15 em 15 dias, quando acontece a noite Tripadelic, as almofadas do segundo piso da casa fazem sucesso.

**Jardim Elétrico** (Rua da República, 546) - Panquecas deliciosas servidas, na maior parte das vezes, para universitários, jornalistas e publicitário. Decoração colorida e psicodélica. Bom para ir a dois.

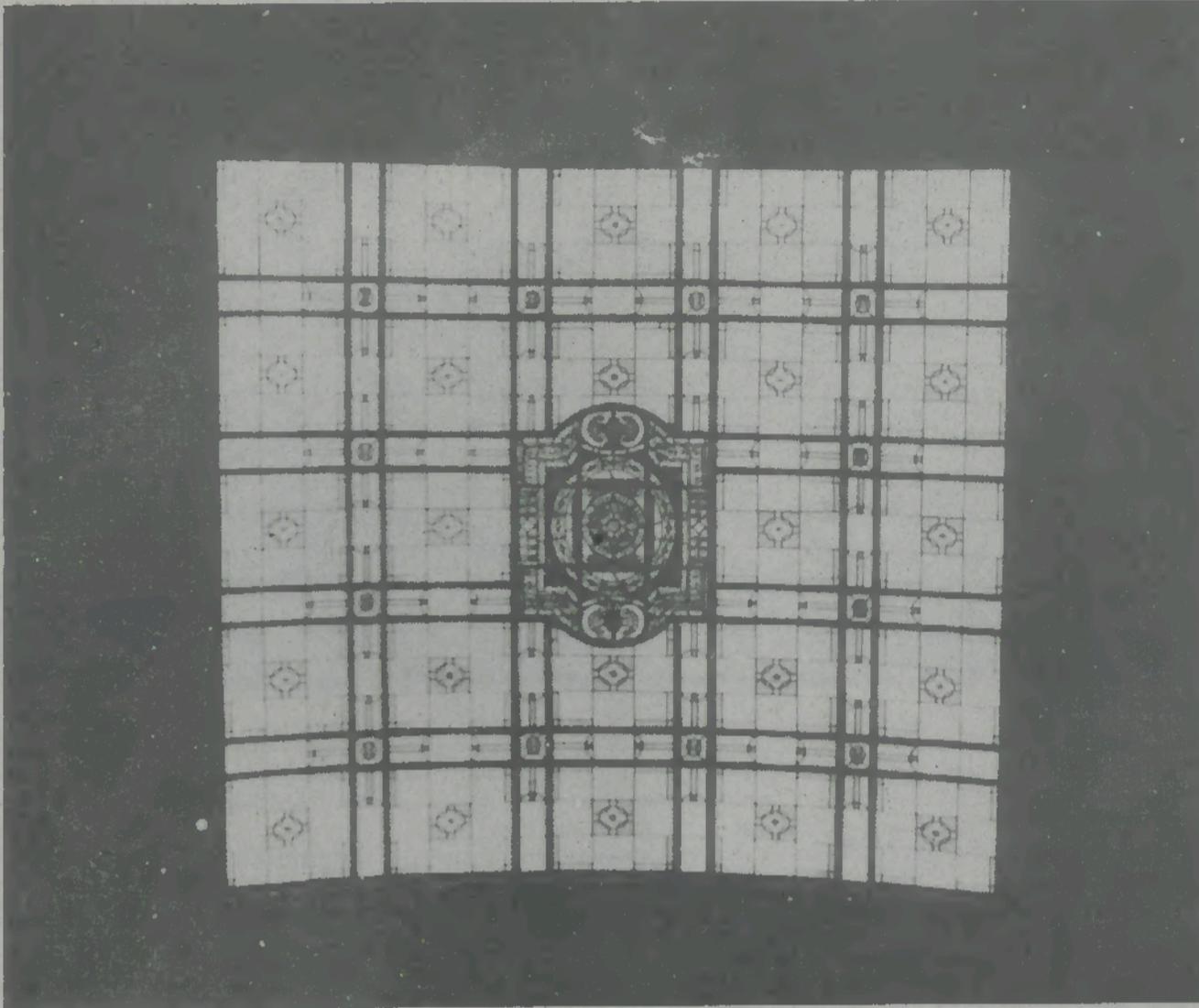
**Café Antártico** (Rua da República, 174) - Altamente boêmio, simpático e ventilado - mesas na rua - o Café Antártico oferece um cardápio de sanduíches maravilhosos para acompanhar a cerveja gelada.

**Fim de Século** (Av. Plínio Brasil Milano, 427) - Em ritmo de contagem regressiva para o ano 2000, por aqui desfilam as criaturas mais doidas e descoladas da noite clubber/GLS da cidade. No som, os DJ's arrasam nas performances, botando os alternativos pra dançar ao som de muito *tecno* e *drum'n bass*.

**Dr. Jekyll** (Travessa do Carmo, 76) - Nem tão alternativo assim, a casa é alvo de jornalistas e publicitários na faixa dos 20 aos 35 anos. No som, clássicos dos anos 70 e 80. Nas segundas, rola o projeto Segunda Maluca, com shows das bandas da cidade.

# Porto Alegre em preto e branco

CAROLINA CIMENTI



Quantas vezes você já admirou construções ou prédios nas ruas de outras cidades ou outros países? Quantas vezes você já fez isso aqui?

Porto Alegre também tem fachadas e cantos admiráveis, a gente é que não se dá conta porque passa sempre nas mesmas ruas com o objetivo de chegar rápido aonde está indo. Você já reparou nestes lugares? Quais são eles então?

2





- 1 - Prédio abandonado, usado como estaci-
- onamento, na rua Sete de Setembro.
- 2 - Rua da Ladeira, ou General Câmara, com
- a Catedral ao fundo.
- 3 - Vitral do prédio do MARGS
- 4 - Banco Safra, na Rua da Praia
- 5 - Porta e fachada do MARGS

## EXPRESSIONISMO URBANO

## Arte marginal também se aprende no museu

*Jovens descobrem as perspectivas do fazer artístico em oficina de grafite*

SVENDLA CHAVES

## SVENDLA CHAVES

Basta uma circulada rápida por Porto Alegre para que se perceba a grande quantidade de pichações em muros e fachadas. Encontradas em todas as grandes cidades do mundo, as pichações já viraram polêmica, sendo muitas vezes caracterizadas como vandalismo. No entanto, a grafiteagem, prima irmã da pichação, vem gradualmente conquistando seu espaço como manifestação artística.

A comunidade da Cidade Baixa já andava interessada no assunto. A idéia era canalizar o potencial das manifestações de rua para espaços adequados. A pichação feita na parte interna do Museu Joaquim José Felizardo foi apenas mais um motivo para que os funcionários do museu e a comunidade articulassem uma iniciativa conjunta: criar uma oficina de grafite para os adolescentes do bairro, um dos mais afetados pelas pichações. O objetivo era oferecer aos jovens noções das técnicas artísticas da grafiteagem, além de incentivar a valorização do patrimônio histórico e cultural da cidade. Esse trabalho não poderia estar melhor acomodado: o museu, também conhecido como Museu de Porto Alegre, é o responsável por parte da preservação da história da capital.

O grafite diferencia-se da pichação principalmente por sua preocupação estética. Enquanto as pichações têm como característica a inscrição de letras e símbolos, muitas vezes descuidados, no grafite são utilizadas técnicas de desenho e pintura. Embora o espaço seja o mesmo, a rua, o resultado é bem diverso. No entanto, a grafiteagem ainda não garantiu seu espaço no universo das artes. Em alguns lugares ainda é considerada crime, por ser confundida com o caráter destrutivo de algumas pichações ou desagradar

com suas temáticas de protesto e inconformismo.

Apoiada pelo Orçamento Participativo e organizada pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC), a oficina iniciou em julho deste ano, em uma sala do museu, e tem como espaço de trabalho os muros da área verde localizada atrás do prédio, bastante frequentada pelos moradores do bairro. Em menos de quinze dias, a oficina já tinha 64 inscritos; na primeira aula, de 30 a 40 pessoas. Finalmente, foi delimitada uma turma de 20 alunos, para possibilitar a integração do grupo e viabilizar o trabalho, que acontece todas as tardes de sábado, até janeiro de 2000. Tanta procura levou a Coordenação de Artes Plásticas da SMC a oferecer outra oficina de grafite, que iniciou em setembro, no Atelier Livre da Prefeitura.



Os jovens e o muro: a arte rompe as fronteiras de museu

## Mudança de perspectiva

A artista plástica Marilice Corona, ministrante da oficina no museu, diz que procura mostrar aos jovens as possibilidades de diversificação de técnicas e motivos e o quanto o trabalho pode se tornar interessante: "Essa gurizada está muito antenada nessa coisa do *hiphop*, do grafite de rua e, na verdade, eles começam riscando, mas quando vêem a possibilidade de fazer uma coisa esteticamente mais legal, eles começam a vibrar com o resultado, com o que são capazes de fazer."

Embora muitos sejam da Cidade Baixa, a turma é formada por adolescentes que vêm de diversos bairros. Vários jovens que frequentam o curso costumavam pichar paredes e muros. Com idades que variam entre 12 e 22 anos, eles parecem ter mudado seu modo de ver as coisas: "Pichar é pra qualquer um, né? Já grafite tem que aprender direito", garante um dos alunos, num intervalo da aula, nesse dia dedicada à confecção de máscaras para pintura com *spray*.

Sem surpresa, a trilha sonora da oficina é marcada pelo ritmo contínuo do *rap*. Os futuros grafiteiros porto-alegrenses não têm dúvidas ao declarar suas preferências musicais: RZO, Racionais e Thaide são apenas alguns dos nomes citados. O grande interesse dos jovens pelas pichações e grafite está ligado de perto à manifestação *hiphop*. Apesar de ter surgido na França, no movimento político de maio de 68, a grafiteagem eclodiu nos Estados Unidos juntamente com o *rap*, em meados da década de 70, servindo como expres-

são para aqueles que não tinham lugar na mídia.

Motivada pelo interesse dos alunos, Marilice trouxe para a oficina a discussão sobre o elo entre a grafiteagem e o *hiphop*: "Eu procuro trazer para eles a noção de que o *hiphop* se apossa do grafite; o grafite não é o *hiphop*. E se apossa justamente porque é uma comunicação rápida, de rua, de massa, que fica a serviço de um movimento social, que começa bem sério, mas que pode sofrer diluições pelos modismos que vão aparecendo. Eu procuro sempre salientar isso, que se a gente está pensando em *hiphop*, vamos pensar sobre o que é o movimento e se alguém aqui faz parte desta história; não pegar só a embalagem das coisas. Porque o grafite é um modo de se dizer alguma coisa."

"Quero continuar com o grafite, porque eu acho que é o caminho, deixar a cidade bonita, colorida" ou "pintar muros, colégios" são alguns dos desejos dos alunos da oficina. Ou até trabalhar com arte, como Alex, 22 anos, que já havia feito um curso de serigrafia e sempre gostou de desenhar. Seja como trabalho, passatempo ou forma de expressão, todos parecem ter muito a fazer com o grafite. Como Ana, 19, uma das poucas meninas da turma: "Eu tenho a idéia de exprimir toda essa coisa que fica trancada aqui dentro. Tu olha na rua, parece que as pessoas não dão valor pras coisas. Parece que elas perderam alguma coisa, e eu 'tou a fim de achar isso nelas, de despertar alguma coisa nas pessoas e em mim mesma também (...) Eu quero mostrar isso na pintura: um pouco de realidade." **TXQ**



A sala de aula como espaço de aprendizado alternativo

SVENDLA CHAVES